

Traduttore Traditore? Gramsci in English **– As antinomias de Perry Anderson**

Traduttore Traditore? Gramsci in English – The antinomies of Perry Anderson

Roberto della Santa*

Resumo

O presente ensaio examina os textos e con-textos da *atividade de mediação* estabelecida pelo *conselho de redação* editorial da “segunda geração” da New Left Review (NLR) entre a teoria marxista europeia e a prática socialista britânica em geral e, em especial, entre o pensamento gramsciano e o *milieu* da NLR. Emprega-se um conceito ampliado de *tradutibilidade* e a reflexão sobre o *jornalismo integral* que, dentro da obra de Gramsci, mantém um nexo orgânico com a *história dos intelectuais* e a *concepção de hegemonia*. A reconstituição do panorama de difusão e recepção da obra gramsciana no mundo de fala inglesa considera momentos pré e pós-NLR. Especial ênfase é posta sobre o papel-chave desempenhado pelo editor da NLR, Perry Anderson.

Palavras-chave: Gramsci e Anderson; tradutibilidade; pensamento Marx-mundo; jornalismo.

Abstract

The paper examines the texts and con-texts of the mediation activity established by the editorial board of the New Left Review (NLR) “second generation” between European marxist theory and British socialist practice in general, and in particular between Gramscian thought and the milieu of the NLR. An extended concept of translatability and reflection on integral journalism is used, which, within the work of Gramsci, maintains an organic nexus with the history of the intellectuals and the concept of hegemony. The reconstitution of a broad background of diffusion and reception of Gramsci’s work in the English-speaking world considers pre- and post-NLR moments. Special emphasis is put on the key role played by NLR’s editor P. Anderson.

Keywords: Gramsci and Anderson; translability; world-marxism; journalism.

* Leciona Fundamentos Teórico-Methodológicos na Escola de Serviço Social, é professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional e é membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-MARX) na Universidade Federal Fluminense.

O mesmo raio luminoso, passando por diversos prismas, produz refrações diversas de luz. Buscar a real identidade na aparente alteridade, e contradição – e buscar a substancial diversidade sob a aparente unidade –, é a mais delicada, incompreendida e, contudo, essencial competência do crítico das ideias e historiador social do vir-a-ser histórico.

Antonio Gramsci. *Quaderni del carcere* (Q.24§14|15, p. 2.268, *Giornalismo*, tradução/adaptação nossas.)

1.

Gramsci é um dos autores mais citados no globo em padrões vigentes de *quantum/qualis* bibliológicos. Ninguém menos que Hobsbawm já reconheceu-lhe contribuições inovadoras na *quasi*-totalidade das assim-chamadas ciências humano-sociais. Mas como já é de sobra admitido mundo-afora, nos estudos gramscianos, é preciso perspectivar, antes que tudo, a “contradição em termos” entre o modo de exposição fragmentado/esparso e seu programa de pesquisa coerente/unitário ou – com Gerratana (1975) – *o que há de realmente unitário no aparentemente diverso*. Particularmente no Brasil, há uma *luta de hegemonias* em curso para instituir um novo “senso comum” – teórico-político – sobre os problemas advindos do que Bianchi (2008) consideraria “o segundo cárcere do sardo”, *i.e.*, seu aprisionamento ao complexo categorial tipicamente liberal a partir da redução de um apurado modo de pensar a slogans (“democratizar-democracia”) e díades *politicistas* (“reformismo-revolucionário”). Neste espaço/tempo, dedicar-nos-emos tomar-lhe emprestado um conceito em movimento, o cânone interpretativo do *jornalismo integral* (Q.24), para analisar a situação de vir-a-ser de sua difusão por um centro unitário – de modos de agir e sentir – *peculiarmente ingleses*. A “materialidade” (Francioni, 1984) da obra gramsciana e o “ritmo de seu pensamento” tornam-se apreensíveis, sobretudo, a partir do trabalho coletivo do *Istituto Gramsci*, sob a direção de Valentino Gerratana, sobre os *Quaderni del carcere* (QC), nos quais, a partir da cooperação complexa de uma série de colaboradores, foi realizado um minucioso labor de reconstituição historicista/filológica, através de uma sofisticada metodologia genético-diacrônica, em ato. Não vamos aqui insistir, exaustivamente, sobre o que é a historiografia-padrão da velha publicação temática, gerada esta sob direção do PCI de Palmiro Togliatti, dos QC e seu *détour* entorno a supressões, prefaciações e/ou reagrupamentos de material em “títulos-fantasia”¹. Queremos crer, com Dias *et. al.* (1996), Del Roio

¹ Nem tampouco os sérios problemas – sejam eles políticos ou editoriais, teórico/práticos – daí originados.

(2005) e, por fim, Bianchi (2008), que já esteja ao menos indicada na história da difusão/recepção de Gramsci a realidade efetiva da prevalência não só da argúcia de um marxismo *crítico* – antidogmático e antideterminista – mas também, a um só e mesmo tempo, da combatividade, enfim, de um marxismo *revolucionário*, cuja gênese e cujo devir têm lugar a partir duma complexa síntese de múltiplas determinações, que se imbrica numa notável riqueza de relações diversas entre história, política e filosofia.

Pretendemos aqui recensear brevemente – numa espécie de *diagrama rudimentar* –, tão-somente algo tal qual um subcapítulo, bastante específico, desta intrincada história político-editorial. No interior de uma sua seção anglossaxã da fortuna crítica de trabalho teórico-político – que envolve uma concepção ampliada de labor editorial, sobre a difusão política, desde o pensamento gramsciano a partir da Grã-Bretanha –, que pretende “não somente [...] satisfazer a todas as necessidades (de certa categoria) de seu público, mas [...] também formar e desenvolver a estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, formar a seu público e ampliar, progressivamente, a sua área” (Gramsci, 2001, p. 161), é possível divisar um momento fundamental. A partir das primeiras iniciativas político-editoriais, as quais tiveram sede no Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, de verter/contextualizar a obra do sardo, um segundo momento se lhe sucedeu. O projeto editorial amplo, cujo núcleo ativador tem seu centro na revista *New Left Review*² – envolvendo atos jornalísticos e *extra-jornalísticos*, em iniciativas como a Verso ou New Left Books, panfletos e opúsculos –, ganha, progressivamente, cor e textura a partir dum pôr-teleológico que visa, de modo autoconsciente e auto-organizado, “pôr ao alcance dos leitores de língua inglesa as principais obras da tradição marxista europeia, em contexto desenhado para aumentar o seu impacto e sua atração intelectual” (Elliot, 1998, p. 102)

Em meio a um balanço típico – desde o conselho de redação, da NLR, na conjuntura ideológica dos anos 1970 –, Anderson chegaria ao seguinte veredito sobre as coordenadas históricas da cultura e da política do mundo do trabalho daquela hora e daquele lugar: “a mais conservadora entre as grandes sociedades europeias tem por ora uma cultura à sua imagem e semelhança: medíocre e inerte [...] contexto [...] capaz de superar o capital só poderia surgir duma cultura capaz de enfrentar a sua ascendência intelectual [...] alternativa.” (Anderson, 1968, p. 03). Passado um quarto de século e, hoje, sua análise não poderia ser mais antitética: “do Tribunal [da História] adveio a mais viva República das Letras do Socialismo Europeu.” (Anderson, 1992, p. 197). O que teria dividido águas tão

² Maiores detalhes sobre a fissura do Partido Comunista nos anos 50 ou a formação da NLR nos anos 60 podem ser conferidos em nosso projeto sobre *Perry Anderson, New Left Review e Pensamento Marx-Mundo*.

dísparos? Não podemos deixar de considerar a atividade de *mediação* desenvolvida por este conselho de redação típico, entre a “provinciana” cultura teórica da Inglaterra insular e uma vigorosa cepa “cosmopolita”, a partir do marxismo crítico desenvolvido desde a Europa continental.

Sem sombra de dúvidas, a tradição paroquial e quietista³ da semântica, da sintaxe e da própria linguagem marxistas inglesas – segundo Anderson, tão heterônomas quanto a “sua” burguesia – muito deveu às introduções/críticas/re-censeamentos/traduições/aclimatações que este corpo editorial deu à luz, em pensamentos e vocabulários tão desconhecidos para a “peculiaridade dos ingleses” quanto os de um Lukács ou Sartre, Korsh e Adorno, Brecht ou Benjamin. Uma cultura e uma política *radicais* que, sob o efeito da vaga insurrecional de estudantes e operários que varreu, como rastilho de pólvora, de Paris a Berlim e de Turim a Praga – vertendo águas, inclusive, às docas da Velha Ilha⁴ –, deu-se a introduzir algo como uma *cidadania inglesa* à teoria social e política do revolucionário sardo por aquelas bandas. Enquanto as velhas direções enfrentavam-se em um beco-sem-saída histórico – fosse dum mórbido *diamat* stalinista, um bizarro ecletismo fabianista ou invulgar reformismo trabalhista –, a nova corrente de pensamento demonstrava vasta e ampla vantagem sobre os contendores .

Gramsci costumava criticar a intelectualidade cujo modo de ser e agir posicionava-a como casta destacada – tanto no sentido de sua *proeminência*, teórico-metódica, quanto em sua *distinção*, social e política – nas respectivas formações sociais sob a rubrica, pejorativa, do “cosmopolitismo”, que a alienava dum vontade coletiva nacional-popular; Trotsky, certa feita, julgou a *intelligentzia* da revista *Partisan Review* como “um pequeno monastério cultural”, por preservar-se “do mundo exterior; via ceticismo, agnosticismo e respeitabilidade”. Contraditoriamente, *carapuça posta*, a NLR seria sua maior divulgadora .

2.

Através de uma concepção ampliada de linguagem enquanto concepção de mundo, de homem e de conhecimento – e do cânone de interpretação da tradutibilidade, de distintas linguagens filosóficas, históricas e políticas –, Gramsci desenvolve uma série de reflexões sofisticadas e instigantes sobre o trabalho de tradução *lato sensu*, pensando sempre na discordância dos tempos-espacos entre Norte e Sul, Oeste (Ocidente) e Leste (Oriente), cidade e campo, dominantes/dirigentes e dominados/subalternos, enfim, centro e periferia. Seria, então, a

³ Vide seminal polémica travada entre Edward Thompson e Perry Anderson sobre as *Teses Nairn-Anderson*.

⁴ Vide *Do Outro Lado do Canal da Mancha*, 1968 na Inglaterra, “Especial Outros Maios Virão”, Blog Convergência, do próprio autor.

história materialista francesa “tradutível” à filosofia idealista alemã? Seria “conversível” a profundidade do Renascimento meridional, similar em extensão, para com a Reforma setentrional? Como “verter” a experiência política russa aos idiomas europeus? No sardo, desde uma série de escritos – carcerários e pré-carcerários –, podemos relacionar uma concepção da “tradução” que amplia seu escopo e alcance, para além do texto até o con-texto algo estendido. A “tradução” é, daí, concebida como uma forma de *mediação dialética* entre diferentes civilizações estatais integrais, sendo, aí, a própria língua – ou a linguagem – concebida tal qual *concepção integral de mundo*. Em carta a sua companheira de vida, Julia Schucht, Gramsci expõe esta *outra* concepção, sobre tradução, de modo claro:

não apenas traduzir *literalmente*, mas *traduzir os termos – inclusive conceituais – de uma determinada cultura específica para outra*, ou seja, *esse tipo de tradutor deve ter um conhecimento crítico das duas civilizações e ser capaz de fazer com que uma conheça a outra*, usando-se da linguagem historicamente determinada daquela para a qual se intenta ofertar matéria informativa (Gramsci, 1975, grifo nosso.).

O presente ensaio tem, por objetivo geral, dar conta, *in minimum*, da difusão do pensamento gramsciano através de algumas *trilhas/considerações* pré/pós-NLR como intelectual coletivo, assumindo-lhe o pressuposto de *revista-tipo* – isto é, simultaneamente configurada como conselho de redação editorial e círculo de cultura político – voltada ao constante evolver (e renovação) do marxismo britânico, de fala inglesa e, já por fim, o “Pensamento Marx-Mundo”. Especial ênfase – como objetivo específico – será posta sobre a segunda geração da NLR, seus modos de pensar e agir sobre a cultura marxista britânica, o ideário socialista de fala inglesa e, em especial, a tradutibilidade de Gramsci na Inglaterra n’*As Origens...* e n’*As Antinomias...*, partindo do reconhecimento do papel-chave (ou “*intellectual gatekeeper*”?) desempenhado, em fim, pelo editor-responsável, Perry Anderson, a partir da centralidade do intento de *traduzir* a cultura europeia – e continental – marxista na Inglaterra .

Não vamos, aqui, transmitir um panorama amplo da primeira publicística britânica de divulgação – de resto, com razoável informação na bibliografia especializada, e, sobretudo, longe de constituir nossa preocupação por ora mais premente – do pensamento do comunista italiano⁵. De forma tão-só ilustrativa, vamos destacar alguns de seus recursos fundamentais. Quiçá a primeira consideração a se registrar seja, justamente, a profunda influência de Gramsci sobre a vida intelectual anglo-saxã de ambos os lados do Atlântico. Uma grande influên-

⁵ Para conferir algumas das primeiras referências gramscianas no âmbito editorial inglês de então, vide Boothman (2003).

cia se nota, a partir dos anos 1970, nos Estados Unidos da América, animando um programa de pesquisas, sobretudo, do marxismo acadêmico e extra-acadêmico estadunidense, cuja zona de orbitação – desde a nova esquerda, de cá – tentava descolar-se tanto do espectro stalinista quanto do reformismo clássico, conformando quadra semelhante seus pares d'além-mar, de lá. Teoria Política, Relações Internacionais, Sociologia Pública e até mesmo Crítica da Cultura adquiriam vocabulário gramsciano no Norte das Américas após alentar vários movimentos sociais que chacoalharam os *campi*.

No momento da queda do Muro de Berlim, a *NLR* anunciava ter sido na Inglaterra, “após a Itália – e mais que qualquer parte do mundo –, [o lugar onde] a obra de Gramsci desempenhou influência profunda, prolongada e diversificada”⁶. Boothman (2005, p. 2) diz considerar a melhor avaliação crítica já redigida a respeito até o momento, e registra que: “são quase 3 mil publicações sobre Gramsci em idioma inglês, 19% do total de outras 14 mil e quinhentas obras, de diversos tipos, distribuídas em trinta e quatro línguas com busca em *database* acessível, detalhes bibliográficos de todas publicações, instrumentos atuais [...]”. O autor realiza uma interessante reflexão – sobre a relação entre difusão e recepção, dos primeiros recenseadores de edições togliattianas, já na Inglaterra –, afirmando que nenhuma tradução “nasce no vazio”. Destaca o paciente – e metódico – labor dos agrupamentos político-culturais para organizar círculos de cultura e centros homogêneos de produção e circulação de ideias e, antes disso, as primeiras pré-noções, e pré-juízos, sobre obra e autor.

Antes da primeira publicação de Gramsci em inglês, comentários e excertos foram editados por Christopher Hill – notório historiador britânico – após circulação algo elogiosa no *Times Literary Supplement* e, posteriormente, pelo exilado político em plena era macarthista, Henry Mins, na Cidade do México – sob pseudônimo Giulio Muratore –, com comparações estilísticas com as meditações pascalinas e avaliação bastante favorável. Trechos da edição temática eram introduzidos com prefácios, em especial aqueles sobre literatura e política, e tentava-se dar conta de alguns informes, mínimos, sobre o contexto italiano e o léxico histórico-filosófico do autor, amigos e inimigos. Preparava-se terreno para lavrar nova cultura.

3.

A primeira edição de Gramsci na Inglaterra ficou a cargo do Grupo de Historiadores do PC e coincide com a crise do Informe-Krushev, a destruição stalinista da revolução dos *soviets* húngaros e, enfim, a invasão anglo-franco-israelense ao Canal de Suez. A mal-dita “Ortodoxia Marxista” reinante – expressão de sua

⁶ Ver Forgacs (1989), Cozens (1977) e Elley (1984).

negação à morte, ou Komintern, no plano das ideias – ainda exigira algo em torno de vinte anos desde a primeira possibilidade objetiva de publicação pela imprensa do partido britânico. Trata-se d’*O Moderno Príncipe e Outros Escritos*, editado por Louis Mark, o qual ainda enceta uma apresentação à vida e à obra do autor – no outono do mesmo ano – na revista teórica de responsabilidade do grupo, *Marxist Quarterly*, onde faz uma breve exposição sobre o conceito ampliado de intelectual. Uma série de equívocos – factuais, teóricos, políticos e de tradução – acumula-se antes e depois de sua primeira publicação em livro. Em parte, podemos debitar tais desvios na conta da anterioridade à Edição Crítica, ainda que houvesse já em cena o Instituto Gramsci.

Filosofia della Praxis, p. e., negando os traços hegelo-marxianos de suas raízes, vira *Philosophy of Action*, de cariz pragmático – parte, mesmo, da cultura teórica inglesa –, empirista ou fenomenológico. Esse é um dos muitos exemplos possíveis, como também problemas com excertos da Questão Meridional, escritos de *L’Ordine Nuovo* e as notas Anti-Bukhárin. Aqui a literatura especializada nos traz uma hipótese diretriz bastante forte. Retomando a relação entre os estudos filológicos de Gramsci sobre linguagem e a relação da supremacia linguística com sua concepção de hegemonia, pressupõe-se um *momentum* de preponderância do idioma italiano – do ponto de vista teórico e político, de sua herança histórico-nacional, desde as formas que compreendem o movimento da classe (e classe em movimento) – sobre a língua inglesa. As condições “periférica” e “subalterna” do inglês – do ponto de vista da formação (movimento) de consciência/organização/experiência da classe continental – dificultariam, e muito, a tarefa de tradução. Daí que o problema da tradução seja, nos termos que aqui adotamos, sobretudo *extralinguístico* ou, para utilizar o léxico gramsciano, *nexo uno-distinto entre direção/política + especialidadetécnica* ou, enfim, um problema eminentemente *intelectual* em sentido ampliado, i. e., de *organização coletiva*. (Certamente, uma hipótese que teria adeptos entre a segunda geração da redação da *NLR*...)

A revista *New Reasoner*, surgida para polemizar com a direção do PC após o XX Congresso, acolhe, ali, cartas e comentários gramscianos. Após seu décimo número, dá-se a fusão com a *Universities and Left Review* – dando origem à *NLR*, em 1960 –, tornando-se, então, o novo órgão e expressão organizacional dos Clubes da Nova Esquerda que abrigavam a Campanha pelo Desarmamento Nuclear e, sobretudo, sua manifestação teórico-política. Importante órgão dos *milieux* da esquerda socialista, a *NLR* atravessaria uma crise dupla: interna, dos seus problemas de direção moral e intelectual da redação; e externa, do movimento que lhe deu origem, então em refluxo. Não obstante, foi esta revista a continuar a propor Gramsci como autor de primeira importância (junto ao *marxistencialismo* sartreano) e, pela primeira vez, o seu trabalho consistia não tanto na edição das suas notas – pouco traduzidas, desde Marks –, mas na tentativa mesma de ler

o real em movimento a partir do movimento do conceito para além das fronteiras italianas. Gramsci exercerá uma influência decisiva sobre a *NLR*, nos anos 60 e 70. Um dos conselheiros da redação, Quintin Hoare, junto a Geoffrey Nowell Smith, especialista em cultura e política italiana (e autor de um livro sobre Luchino Visconti), preparavam as *Seleções dos Cadernos do Cárcere*, quiçá o quadro referencial de Gramsci mais lido mundo-afora. Hoare fez publicar no vol. 32 (jul-ago. de 1965, pp. 55-62) a própria tradução de algumas notas, contidas no Caderno 12, o especial monográfico sobre a “História dos Intelectuais”, sob o enunciado de *Em Busca do Princípio Educativo*, Q.12§2. (Interessante é, aqui, a vasta introdução de Hoare, na qual demonstra a pertinência dos argumentos de Gramsci para a situação educacional britânica.)

A seguir, apresentaremos algumas notas breves, todas elas tentativas e exploratórias, no sentido de apresentar algumas questões cuja colocação provoque o debate sobre dois dos materiais em que Perry Anderson apresenta a apropriação crítica de Gramsci da *NLR* – num primeiro momento, “Origins of the Present Crisis”, primeiro material das famigeradas “Teses Nairn-Anderson” e, por fim, o famoso opúsculo “The Antinomies of Antonio Gramsci”. Se na primeira há a tentativa de construir um cânone de interpretação histórica sobre a via inglesa ao capitalismo a partir de um *enfoque monográfico*, baseado, este, nas diferenças específicas do caso britânico, já o segundo é um *tour de force* sobre a teoria gramsciana da hegemonia. Acreditamos que mais do que re-velar antinomias do pensamento de Antonio Gramsci, vamos-nos aqui deparar com uma apropriação ainda incipiente – e algo *naïf* – do próprio Perry Anderson. Deixaremos, por fim, para outra oportunidade, as polêmicas das *Teses* com Edward Thompson – e Nicos Poulantzas – e as aproximações e distanciamentos propostos, entre a teoria de dois *marxistas clássicos*, *i. e.*, Antonio Gramsci e Leon Trotsky .

A intenção primeira de Anderson – com “Origins...” – era apresentar uma historiografia diferencial e totalizante da sociedade civil e do Estado britânicos para relacionar passado e presente em vistas da possibilidade aberta de vislumbrar um futuro emancipado. Sua crítica aos historiadores autóctones – considerados, no mundo ocidental, “os melhores” – era algo explícito. Quiçá aí, para além da “*diferentia specifica*” dos ingleses, Anderson não estaria buscando, ainda, a diferenciação *geracional* entre membros diversos dos quadros da *NLR*?

4.

A ênfase sobre os “equívocos metodológicos” prévios traria à tona uma discussão de *estratégia socialista*. Três características distinguem o *seu* léxico gramsciano: i) enfoque sobre a *singularidade nacional*; ii) perspectiva de totalidade nas *durações as mais longas*; e iii) *antieconomicismo*, expressando a suas divergências sobre o senso comum formado na recepção inglesa do Prefácio de 1857-59 – es-

quematização base/superestrutura –, quando, por exemplo, discute o amálgama inglês de não-acerto de contas entre aristocracia fundiária e burguesia capitalista, implicando-as aí numa aliança de classes onde “quem dirige não domina e quem domina não dirige”, ou na sua aposta na preponderância da cultura sobre o fundamento da economia. Afirmava, com isso, o caráter “prematureo e impuro” duma revolução burguesa no país, com a justaposição de agrarismo e mercantilismo e a concertação social – “por cima” – entre a velha e a nova classe *contra uma novíssima classe*.

A permanência, algo tardia, duma superestrutura arcaica com estrutura moderna, a mobilização contrarrevolucionária – contra a França – e a supremacia do império britânico selariam o destino de uma burguesia “sem caráter [*supine*] que produziu um proletariado subordinado”. Questionando a ideologia dominante, o caráter corporativo-econômico do proletariado inglês e a configuração mesma do poder de Estado na Inglaterra, alcançava a conclusão de uma situação anódina: burguesia conservadora (“empirista, tradicional e utilitarista”) + proletariado desprovido de qualquer consciência própria, fatalmente *inserido* em uma vil ordem britânica. Muito longe de se constituir em classe universal, Anderson via-a imanentemente reformista, crítica implícita aos trabalhismos, stalinismos e fabianismos.

Anderson elencava insignificantes burocracia/militares, excepcionalismo econômico e um superdimensionamento mórbido da cultura, *i. e.*, “supremacia sociedade civil-Estado” junto à crítica radical ao “braço político”, como coetânea duma crítica ao “braço sindical” (*tradeunionista*), e sobretudo à separação entre econômico e político na luta “de baixo”. Por mais que se possa reprovar a carência de mediações – e co-determinações –, o cosmopolitismo abstrato ou, como o fez Deustcher, o “nihilismo nacional” das *Teses*, não se pode negar que sua *impostação programática* apostava numa séria e desafiadora “negação da negação” de todo quadro referencial até então aceito pelo bem-pensar/bem-dizer hegemônicos dentro da esquerda socialista britânica da Guerra Fria. Um tom abertamente polêmico – poder-se-ia lembrar o “*vergar a vara*” lenineano – acirrou os os argumentos sob o risco da exageração, o que renderia uma apaixonada querela, sobretudo com Edward Thompson (sobre a qual nós pretendemos nos debruçar, já em detalhe, nas próximas oportunidades). Mas a um só e mesmo tempo incendiou a imaginação social e política – de toda um *milieu* – em vir-a-ser.

Por mais unilaterais (e esquemáticos) que possamos considerar os esforços de Anderson à época – tachados de “olimpianismo” por seus críticos mais vorazes –, não nos é possível desmembrar texto e con-texto. Tratava-se nitidamente de uma tentativa de superar uma crise da primeira geração da *New Left*, qualitativamente superior às saídas de seus maiores quadros. Após a dupla derrota de, por um lado, não transitar da “discussão difusa à organização política” e, por outro, ver-se submersa ao “apoio crítico” à ala esquerda do Partido Trabalhista, a

gota d'água derradeira adveio com a Conferência de Scarborough, quando os votos da burocracia sindical enterraram as ilusões a respeito do desarmamento nuclear. Os intentos de Anderson de alçar a estratégia socialista britânica a níveis mais elaborados, atingidos pelo marxismo europeu do ponto de vista teórico-político, demandava mobilizar “mentes e corações” para a produção e circulação de um programa de pesquisas de um real *intelectual coletivo*. O jovem Anderson acabava de avocar-se à direção do espólio da *NLR*.

Nos balanços coletivos (e documentação interna) da *NLR* – forma organizativa que aproximava a revista do “jornalismo integral” (Q. 24) –, Anderson sugeria a análise histórico-comparativa das formações capitalistas particulares, o que o levou a redigir “Origins...” a partir de uma tríplice orientação: i) determinar as coordenadas históricas da crise do tempo presente desde uma perspectiva de totalidade *vis-à-vis* às mais longas durações de circuito temporal; ii) desenhar o arranjo de forças sociais em presença de precário equilíbrio da atual crise; e iii) desenvolver a impostação político-programática baseada fundamentalmente em i) e ii). Ao criticar a ausência de um marxismo inglês coerente e unitário (o que considerava parte do problema de *decadência ideológica* insular), seu olhar vira-se para o continente europeu. Suas principais referências são, aí, as cenas marxistas francesa, alemã e italiana. Sobretudo Sartre d’*Os Comunistas e a Paz*, Lukács d’*O Assalto à Razão* e, enfim, o Gramsci dos *QC*.

Muito embora os seus horizontes em relação aos ciclos históricos de curta duração fossem limitados (tática), sua perspectiva histórica de longa duração (estratégia) animava uma análise (caracterização) refinada da natureza social e limites históricos das relações de poder e estruturas de classes inglesas. A atração pelo pensamento do sardo, a sua principal influência, fora gerada a partir de dois eixos axiais: i) a decupagem dos traços histórico-nacionais de sua formação social desde a *singularidade* de sua própria revolução burguesa e ii) a *distinção* estabelecida entre a estratégia socialista de Ocidente e Oriente. Se a “tática” envolvida remetia-nos a uma espécie de eurocomunismo “*avant la lettre*”, sua “estratégia” identificava trincheiras, casamatas e fortalezas contrarrevolucionárias da mais longa duração, pondo o “premature” proletariado inglês face-a-face com casos avançados – desde França, Alemanha e Itália –, onde a influência marxista já se fazia notar há muito.

5.

Tal movimento de *internacionalização* – considerando a história do país à luz da história mundial – e, sobretudo, a aproximação cada vez mais candente com o “marxismo ocidental”, deviria objetivação duradoura na *NLR*, em geral, e em Anderson, em particular. Ao enfatizar a limitação autoevidente da crítica da *NLR*, ao não lograr se reconverter em algo próximo a uma força efetiva em movi-

mento, costuma-se perder de vista sua *conquista*. Com uma inédita (na história inglesa) consciência mediata dos fins, formava-se um grupo que, por mais que liliputiano e com pendores ultra-teoricistas, colocava-se a tarefa imediata e o interesse histórico em criar uma intelectualidade de novo tipo na ilha, inicialmente, e para além dela, em ato contínuo. Na tríplice caracterização de Anderson sobre a crise britânica, pode-se ler a imposição duma política cultural sobre uma cultura política determinada. Se pouco tinha a oferecer o marxismo andersoniano sobre a questão militar-burocrática, (i) uma singularidade inglesa advinda de sua geopolítica imperial internalizada e o chamado excepcionalismo econômico de um sistema topográfico de centralidade extraparlamentar, que tornava inócuos os intentos políticos trabalhistas e a força sindical-*tradeunionista*; (ii) sua atenção vai recair sobre o papel preponderante da cultura; (iii) na relação de dominação própria *desta* ordem, em particular, e das formações sociais da Europa Ocidental, em geral.

Finalmente, a importância extrema de instituições culturais na configuração distintiva de poder na Inglaterra já foi sugerida. O controle dos sistemas de educação (escola pública + universidades) e comunicação (oligopólio de imprensa) é decisivo para a perpetuação da hegemonia da “classe alta”. Ambos, por sua vez, derivam de – e conformam – características históricas mais amplas do padrão de poder. O Sistema Público-Escolar + Oxford-Cambridge fenomenicamente formam, precisamente, um sistema educacional *não-estatal* (que exibe um contraste extraordinário para com o burocratizado sistema educativo público, digamos, da França). Já a incomparável centralização – e oligopolização – do controle da imprensa reflete fielmente o grau de concentração e integração nacionais que o capitalismo industrial mais velho do mundo alcançou lograr (Anderson, 1964, p. 23; grifo do autor, tradução/adaptação nossa.).

Privado da possibilidade objetiva de problematizar uma imposição programática para as esferas fundamentais da economia e da política, Anderson – em meio a um estado da arte, a partir dos estudos gramscianos, que o levariam a uma interpretação autolimitada da própria fratura estabelecida entre estrutura/superestrutura e, enfim, entre sociedade civil e Estado – chegaria a superdimensionar, desde o movimento do conceito, a esfera da cultura. Numa confortável reafirmação da fórmula política hegel-marxiana da “supremacia sociedade civil-Estado” – que em Marx cumpre o fito de analisar a anatomia *social* do Estado *político* –, Anderson descurava da sofisticada teoria gramsciana expressa no enunciado conceitual, de sobra conhecido, de “hegemonia encouraçada de coerção”. Se com uma mão Anderson tratava de afastar economicismo e politicismo, com a outra alentava certo “culturalismo”.

Certamente inspirado pela apropriação de Hoare do *princípio educativo* gramsciano, e atento à instigante reflexão do internacionalista italiano *sobre os jornais e revistas* de sua época – respectivamente, Q. 12 e Q. 24 –, Anderson intenta uma *primeira aproximação* da questão do aparelho de hegemonia inglês face-a-face com a constelação triádica de poder. A ideia-força de um trabalho coletivo, de inter/pret/ação da obra de Antonio Gramsci, e a mobilização de sua teoria para a trans/form/ação da realidade insular inglesa, é venturosa. Desde este grupo, permite-se antever sua *virtú*. Os riscos, teóricos (e práticos), abundam... A estrutura hierárquica do *scholar system* britânico, bem como suas tradições ultraconservadoras, perfazem contratendências insoslaiáveis contra qualquer intelectual coletivo. O espectro da mera reprodução de receituários, ou o *centralismo burocrático*, assombra. As notas em que Gramsci dedica-se ao sistema universitário, e a crítica que faz à alienação entre docentes e estudantes – e à ausência mesma de um contato organizado –, podem ser coextensivas / contemporâneas à realidade vivida pelos jovens intelectuais recém-formados.

São menos conhecidos, contudo, os parágrafos sobre o modo de produção intelectual dos conselhos de redação das revistas-típicas – que funcionam como círculos de cultura –, no qual este, preservando as especialidades técnicas de cada um, exerce a crítica qual órgão colegiado, *sintetizando um trabalho intelectual que, para além de pertencer a um domínio exclusivo da produção cultural, encontra-se – por meio e a partir das suas tarefas teóricas e políticas as mais amplas – continuamente à prova do diálogo crítico entre teoria e prática lato sensu e, enfim, constantemente reexaminada/revisada/revista*⁷. É este o novo tipo de trabalho intelectual – típico de um centro homogêneo – que emerge das intenções do autor. (No Brasil, para além de autoras como Rosemary Dore, encontramos escassa produção de fôlego sobre este caderno especial. A centralidade que Gramsci atribui ao jornal como um *organizador coletivo* encontra páreo em concepções bolchevique-leninianas de *Que fazer?* e *Por onde começar?* e *Imprensa do Partido* e *História do Partido Bolchevique*, de Zenoviev.)

Anderson tentava esboçar, afirmação corroborada por documentos internos da *NLR*, uma *vigorosa antítese* ao sistema universitário e ao oligopólio midiático ingleses através da formação de uma nova camada de novos intelectuais. A intelectualidade socialista, com o pressuposto de formar uma nova cultura política a partir duma nova política cultural, é a agência mediadora que o autor concebia como elo de ligação entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura. Apostando demasiado na “teoria” (e na “intelectualidade”), Anderson furtava-se da advertência gramsciana sobre o “*erro iluminista*” da intelectualidade profissional.

⁷ Como explicamos em nosso projeto, a palavra inglesa *Review* traz implicações histórico-filológicas de vulto.

6.

Entre “Origins...” e “The Antinomies...”, uma conjuntura de “crise e revolução” já se interpunha. A vaga revolucionária – de 1967-1975 –, que teve seu epicentro às margens do Rio Sena, estendia-se ao movimento de aliança operário-estudantil cujo sintoma mais gráfico entrevia-se nas ocupações/bloqueios e barricadas que se sucederam em quase todo o continente europeu. A trilogia das Teses (“Origins...”, “The Left in the Fifties” e “Socialism and Pseudo-Empiricism”) encontrou sucedâneo em uma *radicalização teórico-política*, que atinge seu ápice com a *nova trilogia não-premeditada*: de *Considerations on Western Marxism*, *Arguments Within English Marxism* e *In The Tracks of Historical Materialism* (O primeiro dos títulos foi aqui publicado como “Considerações sobre o Marxismo Ocidental”, enquanto o último deles foi já vertido como “Crise da Crise do Marxismo” e, já mais literal, “Nas Trilhas do Materialismo Histórico”. O segundo material, que aprofunda a polêmica Anderson-Thompson já iniciada nas Teses, curiosamente nunca teve tradução brasileira, estando disponível em castelhano.) Não será esse o lugar no que desenvolveremos devida *valorização* deste *trabalho coletivo*.

No interior mesmo desta nova trilogia há ligação direta, orgânica, com um trabalho que acabou por se *autonomizar* intelectualmente do conjunto. Para explicar tal ligação, contudo, é preciso rememorar as coordenadas históricas – e o mapeamento complexo – que realiza Anderson em “Considerações...”. O projeto político-teórico da segunda *NLR* já é possível de divisar, em nítidos contornos, na trilogia nova, a qual, a rigor, deveria ter sido assinada coletivamente pelo conselho de redação (no prefácio e no posfácio do texto, Anderson deixa claro tratar-se de um trabalho eminentemente coletivo, autoevidenciando, marxisticamente, as marcas de produção, gravadas à força de cinzel na relação de trabalho). Consideramos esta a expressão decisiva da fase *suprema* do desenvolvimento teórico-político da *NLR*. A escolha da palavra não é casual, e nem acrítica. Enquanto unidade léxico-semântica – e, portanto, *atribuidora de significado* –, pretende captar, de forma contraditória e simultânea (ou, *dialeticamente*, poder-se-ia dizer) a *ascensão*, o *ápice* e o *declínio* (1968/1974/1983) do estágio ulterior da trajetória político-epistemológica assumida em direção à estratégia socialista e o ulterior recuo, desde o “marxismo clássico”.

A expressão “marxismo ocidental” é tomada de empréstimo dum célebre ensaio de Merleau-Ponty (1955), o qual contrapunha o dito *marxismo ocidental* a outro, *soviético*, difundido este, de modo *essencialmente indistinto*, em *tempos* diversos, *perspectivas* várias, múltiplos *eixos* e nos seus diferentes *espaços*, fossem as sociedades do Leste, a URSS, ou os satélites que orbitavam sob sua zona de influência, os PCs ocidentais. A expressão de Ponty, na verdade, era moeda corrente entre os *milieux* políticos de Anderson. Mais que isso, Anderson – em seu trabalho publicístico – muito contribuiu para difundir-la. Assim, somente se

pode compreender a nova utilização da noção em “Considerações...” como um duplo “*acerto de contas*” – fundamentalmente mediado –, tanto para com a velha expressão pontyana, à qual, *a priori*, aderira acriticamente, quanto com as premissas e conclusões que balizavam seus vários expoentes. Este movimento é, enfim, tanto teórico como político. A nova apropriação, teórico-crítica, trata, sobretudo e a sua vez, de superar dialeticamente os pressupostos *estáticos* – e os seus resultados pseudo-*historicistas* e/ou *sociologizantes* – alcançados pela perspectiva, unilateral, de Ponty. O procedimento – em relação a esta noção, tal qual originalmente formulada – expressa, mais do que a sua mera negação, uma complexa operação que, simultaneamente, subtrai o signo de seu con-texto ideológico referencial transliterando-o, em sequência, no interior de uma problemática teórica de um novo *corpus*. Nesse caso, trata-se de elevar uma noção de valor *instrumental* (e caráter, fortemente, *ideológico*) para – e sob intensa *mediação da história* – reconvertê-la em plena *categoria analítica*, que lhe sirva – para além de um *cânone empírico de interpretação* – de revelação daquilo que até ali permanecia oculto *sob o nevoeiro ideológico de sua primeira exposição*. Nessa complexa re-formulação, o conceito é utilizado para traçar uma sofisticada cartografia, da constelação teórica sucedânea de Lênin, Rosa, Trotsky, e outros.

As coordenadas gerais do *marxismo ocidental* – conquanto *heterogênea vertente intelectual do marxismo* – são consideradas, portanto, em Anderson, na amplitude de seu espectro teórico-temático. Não obstante, a síntese realizada por Anderson trata-se de uma penetrante análise das causalidades históricas e estruturais mais profundas que operaram sobre gerações marxistas inteiras da Europa Ocidental, surgidas estas após os contemporâneos de Rosa e Karl, Lênin e Trotsky. As condições objetivas, através das quais operaram o “deslocamento” (“*displacement*”) teórico, podem ser sintetizadas em determinadas “coordenadas históricas” (“*historical coordinates*”) dum “mapeamento” (“*mapping*”) complexo – as expressões são do autor mesmo –, situadas após uma conquista inicial – e, *a posteriori*, dum isolamento –, a da *Revolução dos Soviets*, de Outubro de 1917: i) a derrota da insurgência social proletária no Velho Continente, de suas organizações revolucionárias, e dos órgãos de poder dual – Alemanha, Hungria e Itália –, já no pós-guerra; ii) a constituição de “frentes populares” abrindo passo à ascensão do nazi-fascismo e configurando uma nova derrota operária – nos anos 1930 – na Espanha, na Alemanha e na Itália; iii) o encouraçamento da *burocratização da URSS* e da *stalinização do Komintern* – com gradual *passivização dos intelectuais* –, e uma posterior dispersão partigiana sul-europeia; iv) a subordinação real geral do trabalho ao capital – e a subsunção real do trabalho intelectual ao capitalismo monopolista, em particular –, mediante o *boom* econômico do segundo pós-guerra, sob as democracias liberais-parlamentares na Europa Ocidental constitui por fim, a quintessência contrarrevolucionária do período pós-1945, com a adesão ativa – dos partidos social-democratas e stalinistas – aos “anos áureos” *desta* Ordem.

Ainda que relutantemente, Anderson adscrive Gramsci, em suas *Considerações*, a seu conceito de *marxismo ocidental*. Ainda antes das Edições Críticas, podemos considerar que Anderson, apesar do conhecimento do idioma italiano e do estreito vínculo com uma discussão a respeito do contexto italiano, entusiasta que era do PCI à época, não teria ainda avançado muito para além do senso comum ilustrado que se formara sobre Gramsci como um “teórico das superestruturas”. Contudo, em um momento preponderante de intensa radicalização teórico-política, Anderson não se satisfaz com o relato que empreende do pensamento gramsciano em seu mais célebre ensaio e dedica todo um tópico especial, posteriormente editado como livro, intitulado *The Antinomies of Antonio Gramsci*. Nas *trilhas e considerações* sobre o marxismo de Anderson, cotejando interpretações de sua obra e, em especial, documentação interna da *NLR*, chega-se à conclusão de que n’*As Antinomias...* há um nexo de unidade-distinção com a trilogia nova. Anderson ter-se-ia dedicado a aprofundar sua apreciação sobre Gramsci em material que permaneceria inédito e, *a posteriori*, destinar-se-ia servir de infraestrutura a seu *Estado e Revolução no Ocidente*⁸.

A grande difusão de Gramsci na cultura anglo-saxã fornece um incentivo adicional, “mais local”, para um novo exame de seu legado na primeira revista a utilizá-lo de forma sistemática fora da Itália. Os artigos de 1964-1966 da *NLR* foram amplamente refutados, mas, a partir de meados de 1970, seu pensamento era, então, irresistivelmente, assimilado. O fenômeno do eurocomunismo na Europa latina havia entusiasmado certa intelectualidade. Anderson propunha-se, à época, a uma revisão mais acurada e direta sobre a letra do sardo. Ao anunciar o empreendimento ambicioso de seu programa de pesquisas, o autor não nos poupou promessas de análises detidas e rigor filológico, reconstituição de ambiências intelectuais, redes de correspondências, localização de fontes primárias e largo etecétera como “condição indispensável [...] a qualquer avaliação profunda [...] da hegemonia em Gramsci” (Anderson, 2002, p. 18). Não será aqui, neste exercício de primeira aproximação, que nos deteremos de forma mais elaborada sobre a apropriação andersoniana de Gramsci. Desde já, cabe indicar que a contestação mais acurada sobre este trabalho encontra-se em Francioni (1984). A importância de adiantar tal diagnóstico tem a ver com *o lugar da NLR*.

O marxismo anglo-saxão foi gradualmente se convertendo na mais importante das vertentes de um “*Pensamento Marx-Mundo*” e, neste contexto, não é menor o lugar da *NLR*. As razões históricas que elevaram a condição deste marxismo não podem aqui ser examinadas em detalhe. Mas cabe uma asseveração, de início, bem simples. A supremacia linguística do idioma inglês, hoje em dia, não se encontra ancorada propriamente num tipo de hegemonia do mundo do

⁸ Como veremos nos próximos passos da pesquisa em curso, um tal volume nunca seria curado pela *NLR/NLB*.

trabalho em suas fronteiras. O cânone científico-social logrado em/por seus expoentes marxistas, contudo, evidencia um deslocamento do centro de gravidade do mundo latino àquele de fala inglesa. E “a diversidade dos sotaques” coloca o idioma e as Ciências Sociais numa relação em que “a globalização é conjugada em inglês” (ORTIZ, 2008). Por essa mesma razão, o papel interlocutório que cabe a Anderson não é menor – na divulgação/recepção de Gramsci – na esquerda socialista.

Trata-se aqui, centralmente, de um estudo da questão da hegemonia em Gramsci e, simultaneamente, uma teorização sobre o Estado e a revolução nos países de capitalismo avançado da Europa ocidental no século XX. Segundo observação crítica suscitada pela atenta leitura de Edmundo Dias, n’*As Antinomias...* revelar-se-ia um grande desconhecimento do texto gramsciano por parte de seu autor, que motivara – por sua vez – a maior parte dos mal-entendidos entre a esquerda socialista no que se refere à interpretação da obra de Gramsci. A exposição gramsciana dos *Quaderni* – já difícil, sinuosa e inacabada – haveria sido mutilada na edição insular manejada por Anderson, que acabou se constituindo num notório interlocutor do pensamento gramsciano entre a esquerda mundial, a qual, no mais das vezes, abster-se-ia de ler a Edição Crítica organizada por Valentino Gerratana. Tratar-se-ia de sucessivos erros: *intercambia-se a ordem de exposição original com a da publicação inglesa; ignora-se a diferença fundamental entre a hegemonia restrita da burguesia e a hegemonia ativa do proletariado; deixa-se de lado a alusão à relação de forças político-militar na questão da insurreição; e dilui-se o horizonte revolucionário da dualidade de poderes*. Porém, e com todos problemas, atesta uma *nova leitura*, operosa/operante, na NLR.

Muito curiosamente, o já-não-mesmo Anderson – em Julho de 2016 – produziu algo como um espólio do que considera *Os Herdeiros de Gramsci* (*New Left Review* 100, Jul-Aug. 2016), em que o apagamento dos outros rincões do mundo, *onde sua filosofia se fez história através da política*, é um motivo, e o elogio editorial autolaudatório, uma intenção. A distância que cobra o percurso do jovem-Anderson ao Anderson-maduro bem poderia ser objeto de nova reflexão crítica. É no mínimo uma ironia que um defensor tão vivaz da internacionalização do marxismo anglo-saxão e poliglota tão fluente, versátil, faça reduzir – tão gritantemente – os contextos argentino, mexicano ou mesmo o brasileiro em seu *case*.

Post-Scriptum: Após esmerada e criteriosa revisão deste texto pelos editores da revista NIEP-Marx, à qual agradeço profundamente, a editora fundada pela New Left (sob a batuta do mesmo Anderson), a antológica Verso, lançou uma promoção editorial (“40% Sale Off”) de simplesmente toda a obra de Anderson editada

em inglês. De quebra, anunciou dois novos lançamentos: i) a republicação de *The Antinomies of Antonio Gramsci* e ii) a edição de seu novíssimo *The H-Word: The Peripeteia of Hegemony*. Muito embora veiculada com entusiasmo à primeira, como já é de conhecimento público desde 1984, sofreu crítica arrasa-quarteirão de Francioni. Não sobrou um só tijolo de pé do argumento original de Anderson. O autor ignorava o conceito de Estado integral em sua inteira dialeticidade de texto e contexto, utilizava a falhada edição anglo-saxã na sua superada – e equívoca – ordem de exposição e uma cronologia em tudo alheia àquela do complexo ritmo do pensamento gramsciano. Republicar o texto com o informe Athos Lisa, há 60 anos datado, uma prefaciação autocondescendente e zero autocrítica é uma decisão de tipo compósita e bizarra para um pensador capaz de produzir história global de ideias teóricas tão acurada quanto aparece em sua historicização absoluta da concepção pós-moderna, da política neoliberal ou dos *foreign affairs* estadunidenses atuais. No mínimo incompreensível após tão sólidos avanços logrados pelos estudos gramscianos mundo afora. Ainda não pusemos as mãos nesta que se pretende ser uma nova história política de uma velha ideia teórica. Depois do tiro de misericórdia de Peter Thomas, com seu *The Gramscian Moment* (2009), sobre o alvo andersoniano, fica difícil alimentar esperanças sobre qualquer correção de rumos sobre uma teoria da hegemonia que antecede, compreende e ultrapassa o próprio Gramsci. Mas uma coisa é certa. Sempre podemos aprender uma coisa ou duas sobre a ideia de mundo e o mundo das ideias com este historiador profissional formado em letras. É de se esperar que não há de ser diferente com o livro encomendado para coincidir com o sesquicentenário da fortuna crítica d'*O Capital* e com o centenário da crítica fortuna da Revolução dos Soviéticos. Também os nossos são tempos interessantes e é em direção ao espectro deste panorama político internacional que a nova empreitada do autor anglo-irlandês intende içar suas velas: à palavra-H, “*E la nave va...*”.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. “Origins of the Present Crisis.”, *New Left Review*, I/23, 1964.
- _____. “Components of National Culture”, *New Left Review*, 50, 1968.
- _____. “The Antinomies of Antonio Gramsci.”, *New Left Review*, I/100, 1976.
- _____. “As antinomias de Antonio Gramsci” In: *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- BIANCHI, Alvaro. *O Laboratório de Gramsci*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BLACKLEDGE, Paul. *Perry Anderson, Marxism and New Left*. London: Merlin Press, 2004.
- BUTTIGIEG, Joseph. “The Prison Notebooks: Antonio Gramsci’s work in progress”, *Rethinking Marxism*, Vol. 18:1|37, 2006.

- BOOTHMAN, Derek. “Le Traduzioni di Gramsci in Inglese e la Loro Ricezione nel Mondo Anglofono.” *In: InTRAlinea* (Online Translation Journal), Vol. 7, 2005. Disponível na rede <<http://www.intralea.it/volumes/boothman2005.pdf>> (consulta ao dia 15 de junho de 2011).
- _____. “The British Press on Gramsci’s Trial” *In: Counter-Hegemony*: University of Reading, Reading, N.º 8, v.1, 2003, pp. 52-66.
- COZENS, Phil. *Twenty Years of Antonio Gramsci*. London: Lawrence and Wishart, 1977.
- DEL ROIO, Marcos. *Os Prismas de Gramsci*. São Paulo: Xamã, 2005.
- DIAS, Edmundo *et al.* *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.
- ELEY, Geoff. *Reading Gramsci in English – Some Observations on the Reception of Antonio Gramsci in the English-Speaking World 1957-82*, CRSO N.º 314, Ann Arbor: Center for Research Social Organization, 1984.
- ELLIOT, Gregory. *Perry Anderson: el laboratorio implacable de la historia*. Girona: UdG, 2000.
- FORGACS, David. “Gramsci and Marxism in Britain” *New Left Review*, I/176, jul./ago. 1989, pp. 70-88.
- FRANCIONI, Gianni. *L’Officina Gramsciana*. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Edizioni Critica a cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975/2002.
- LIGUORI, Guido & VOZA, Pasquale. *Dicionário Gramsciano*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- NEW LEFT REVIEW, *The Heirs of Gramsci*, v.100, Jul-Aug. 2016.
- ORTIZ, Renato. *A Diversidade dos Sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- THOMAS, Peter. *The Gramscian Moment: philosophy, hegemony and marxism*. Leiden and Boston: Brill, 2009.

Recebido em 22 de novembro de 2016

Aprovado em 22 de maio de 2017